

Iceland 
Liechtenstein
Norway **Active
citizens fund**

CARTA ABERTA

por uma escola como espaço seguro e diverso

Por uma escola livre de racismo, desigualdades de género e lgbtqiap+fobia

Muitas pessoas jovens continuam a ser alvo de discriminações, bullying, racismo, xenofobia e segregação em contexto escolar, tendo por base as suas identidades e expressões de género, pertença étnico-racial e orientação e características sexuais.

Sendo a escola um espaço fundamental para a (re)produção dos valores de cidadania e de democracia, esta carta vem defender o direito das pessoas jovens a uma Escola que seja um espaço seguro. Um espaço fisicamente seguro, mas que garanta igualmente a segurança e bem-estar emocional e psicológico das pessoas jovens, que tenha em conta as suas identidades e diversidades. Assim, defendemos que os conceitos de “segurança” e “risco” que constam de programas governativos de intervenção em espaço escolar incluam uma visão mais abrangente, adicionando novas dimensões a esses conceitos, preservando assim um ambiente escolar respeitador, inclusivo e diverso.

Esta carta parte da auscultação de 376 pessoas jovens estudantes do ensino secundário regular e profissional de 4 escolas das regiões de Lisboa, Barreiro e Azambuja, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos. Os dados foram recolhidos entre o final de 2022 e o início de 2023. É direcionada a decisores políticos e atores estratégicos da sociedade civil, nomeadamente o Ministério da Educação, o Ministério da Administração Interna, órgãos de gestão e profissionais da área educativa.

As preocupações das pessoas jovens:

- A discriminação contra raparigas, pessoas transgénero e pessoas não-binárias, especialmente em contexto escolar;
- A exclusão social e discriminação de pessoas negras, pessoas ciganas e pessoas brasileiras, que são comumente alvo de agressões e microagressões, numa sociedade em que o racismo e a xenofobia estão normalizados, seja nas práticas individuais, como nas coletivas e institucionais - nomeadamente na escola, e em instituições como a polícia e os tribunais;
- A falta de representatividade na escola, na política e nos meios de comunicação de pessoas diversas, “fora do padrão”, tanto a nível de aparências físicas como a imagem e o corpo, como de identidades e expressões de género, pertença étnico-racial, entre outras;
- A falta de seriedade da justiça face a denúncias de assédio, homofobia, transfobia e racismo, havendo a perceção de que denunciar qualquer caso de violência ou discriminação não terá consequências;
- Falta de espaços seguros e acessíveis, dentro e fora da escola, tanto a nível de equipamentos e estruturas, como a nível de serviços e apoios. Isso implica espaços fisicamente acessíveis para pessoas com deficiências, mas também espaços com ambientes seguros para pessoas diversas - diversas identidades e expressões de género, diversas sexualidades, pertenças étnicas e raciais, crenças religiosas, capacidades funcionais, modos de estar e vestir, entre outras), espaços onde possam estar, ocupar e circular livremente. As casas de banho para pessoas não-binárias são um exemplo.

Por uma Escola Segura na Diversidade

Partindo destas preocupações, pretendemos trazer para discussão pública um conceito mais abrangente de escola segura para todas as pessoas jovens, que contemple a proteção das suas individualidades, sensibilidades, identidades, subjetividades e diversidades.

Sendo a Escola Segura um programa que se insere “num conjunto de opções estratégicas fundamentais no domínio da segurança dos cidadãos e da humanização da escola”*, urge então atribuir novas temáticas e problemáticas de segurança que passam necessariamente pelo reconhecimento do racismo, da violência de género e da lgbtqiap+fobia enquanto práticas institucionais discriminatórias em contexto escolar.

Microagressões, bullying, cyberbullying e outros comportamentos discriminatórios marcam as realidades de jovens estudantes de hoje, nomeadamente de raparigas, pessoas racializadas e pessoas da comunidade LGBTQIAP+, identificados como os grupos sociais mais expostos a discursos e práticas discriminatórias na escola.

Neste sentido, é importante referir que apesar de terem sido introduzidas novas temáticas na esfera de atuação do programa Escola Segura, incluindo mais recentemente a noção de segurança na internet, os objetivos gerais do programa constam de um protocolo definido há quase 30 anos atrás, que não corresponde na totalidade às necessidades atuais reais da comunidade estudantil.

*Programa Escola Segura, disponível em: <https://www.sembullyingsemviolencia.edu.gov.pt/?p=25726>

É necessário um reconhecimento formal de outras formas de violência escolar que se relacionam com as desigualdades e as discriminações várias e múltiplas sentidas pelas pessoas jovens estudantes.

Acreditamos que uma escola segura significa garantir espaços inclusivos e redes de apoio para jovens vítimas de discriminação, incluindo na sua dinâmica as próprias pessoas jovens como agentes de escola segura, bem como outros profissionais como psicólogos e animadores.

Um espaço seguro implica também que as pessoas jovens sejam entendidas como o centro da ação, nomeadamente através do desenvolvimento de campanhas e ações sobre estes temas para a comunidade escolar, numa lógica de educação de pares, bem como na formação de lideranças positivas.

O Programa Escola Segura deve então contemplar medidas concretas e com efeito prático para combater a intimidação, o assédio, o *bullying* e outros comportamentos discriminatórios na escola, ao mesmo tempo apostando em programas de formação para educadores, funcionários de saúde, profissionais da polícia, líderes comunitários e outros profissionais que poderão fornecer orientação, apoio e mentoria, garantindo um sentimento de pertença a todas as pessoas jovens.

Esta Carta Aberta pretende então abrir caminho para a reflexão pública e dar pistas de reflexão para que decisores políticos tomem ações concretas em matérias de igualdade, diversidade e inclusão em todas as áreas da sociedade, nomeadamente na escola, o que implica repensar programas como a Escola Segura e ir para além da perspetiva securitária limitada que os caracteriza.

Assim, garantir a segurança na escola implica garantir que todas as pessoas jovens estudantes podem circular livremente nas suas comunidades, independentemente da sua identidade de género, orientação sexual, pertença étnico-racial, estatuto socio-económico, entre outras.

Por uma escola segura, diversa e livre de discriminações.